

## VEJA E A COBERTURA DO “11 DE SETEMBRO”: A LEGITIMAÇÃO DA GUERRA IMPERIALISTA \*

Carla Luciana Silva\*\*

### Resumo

Este artigo propõe analisar a cobertura jornalística da revista *Veja* sobre os ataques de 11 de setembro ao World Trade Center e suas conseqüências políticas. Essa cobertura se enquadra no “*modelo de propaganda*”, repetindo a forma como a “mídia principal” trata a política interna e externa estadunidense. A exemplo da grande imprensa mundial, os textos de *Veja* reproduzem as publicações oficiais. A análise das matérias da revista mostra como sua cobertura reproduziu a lógica imperialista, destacando as diferentes formas discursivas que buscavam convencer sobre essa posição, apresentada como a única possível de ser aceita naquele momento.

### Palavras-chave

*Veja*; hegemonia; imperialismo; 11 de setembro.

### Abstract

*This paper intends to analyse Veja's news cover of September 11th attacks against World Trade Center and its political consequences. This news cover suits in the "advertising model", reproducing the way media in general treats the internal and external US politics. As do the world press in general, Veja's texts reproduce the official publications. The analysis of those texts shows how the magazine reproduces imperialist logic, with special attention being payed to the different discursive forms that tried to convince the reader about this position, presented as the only way things could be accepted at that time.*

### Key-words

*Veja magazine; Hegemony; Imperialism; September-eleven.*

A grande imprensa tem sido majoritariamente submissa e acrítica com relação aos interesses do governo norte-americano, reproduzindo a lógica expansionista e imperialista, ajudando a consolidar o suposto direito dos EUA de intervirem pela força, para combater o “comunismo”, o “terrorismo” ou qualquer outra resistência que aquele país considere como “perigo” à sua dominação.<sup>1</sup> A imprensa tem um papel específico, que é o da sistemática propaganda no sentido da manutenção “de um mundo de má distribuição de renda e de importantes conflitos de interesse de classe”.<sup>2</sup>

Esses mecanismos não são evidentes, nem mesmo para a maioria dos pesquisadores. A busca pela informação pelo leitor, mesmo aquele com senso crítico, acaba se deparando com dados que têm aparência de verdade e são assumidos como tal. Existe algum nível de crítica à imprensa no senso comum, mas há um alto grau de credibilidade com relação às notícias internacionais, levando à idéia de que “pelo menos” elas seriam mais confiáveis, tendo em vista o maior distanciamento com relação às realidades em questão.

A imprensa propagandística utiliza-se de “filtros” aos quais são submetidas previamente as publicações: porte, propriedade e orientação para os lucros da mídia de massa;<sup>3</sup> licença da propaganda para fazer negócios;<sup>4</sup> concentração em fontes de mídia de massa;<sup>5</sup> bateria de reações negativas e os fiscais de cumprimento<sup>6</sup>; anticomunismo como mecanismo de controle.<sup>7</sup> Como resultado final, esse modelo “traça as rotas pelas quais o dinheiro e o poder são capazes de filtrar as notícias adequadas para serem impressas, marginaliza as opiniões contrárias e permite que o governo e os interesses privados dominantes transmitam suas mensagens ao público”.<sup>8</sup> Assim, as notícias sobre tudo aquilo que envolva os Estados Unidos e suas relações externas já chegam filtradas. São envolvidos os agentes do processo de disseminação do capital, as multinacionais, transnacionais, a indústria armamentista, os interesses nos recursos naturais, enfim, tudo que diga respeito à acumulação capitalista e aos conflitos intra-imperialistas.

Há recursos discursivos recorrentes: a classificação das vítimas em “merecedoras” e “não merecedoras”, buscando “concentrar nas vítimas das potências inimigas e esquecer as vítimas de nossos amigos”; o tratamento dado a nações “amigas” ou não.<sup>9</sup> A escolha das fontes leva à prévia seleção daqueles que terão direito à voz e da forma como isso deve aparecer. Há também a desvinculação dos aspectos econômicos envolvidos nos conflitos políticos,

(...) dado o singular papel que desempenham as indústrias de armamento e de petróleo na economia estadunidense, como fatores dinamizadores em tempos de crises e como grandes pilares de sua hegemonia mundial nas esferas geopolítica, comercial e, mais indiretamente, monetária e financeira.<sup>10</sup>

Ao observarmos os posicionamentos da imprensa dos Estados Unidos a partir desse modelo, as semelhanças com as posições assumidas pela revista *Veja* não podem ser vistas como coincidência. A revista reproduz o mesmo modelo e, muitas vezes, os mesmos textos,<sup>11</sup> as mesmas capas, as mesmas reportagens. A cobertura do 11 de setembro mostra a forma distintiva do tratamento dado aos conflitos internos e à interferência norte-americana, gerando separação das “vítimas”, dos “culpados” e da própria história. O “mundo árabe” oculta o papel econômico do petróleo, enfatizando apenas os atentados e a guerra de Bush no Afeganistão.

*O interesse midiático: mais um espetáculo*

A quantidade de material publicado por *Veja* relacionado aos ataques de 11 de setembro é fora do comum. A tabela abaixo nos dá dimensão da expressividade da cobertura do tema, relacionando as cinco primeiras edições, em que a cobertura teve a seqüência de seis capas ininterruptas.

**Tabela 1 – O 11 de setembro em *Veja* (total de páginas)**

	1.Editorial	2.Capa	3.Cartas	4.Opinião	5.Páginas Amarelas	6.Matérias	7.Cobertura total 11 set	8. N. de páginas da revista
19/09	1	1	2	3	3	62	72	144
26/09	1	1	2	3	3	63	73	152
3/10	1	1	2	3	3	53	63	152
10/10	0	1	1	3	0	42	47	156
17/10	0	1	2	2	0	39	44	176
24/10	0	1	1	1	0	26	29	176
Total	3	6	10	14	9	285	328	956

Observações:

São tabuladas as ocorrências em que se tratou do tema “11 de setembro” nas diferentes seções de *Veja* logo após os atentados, em número de páginas. A coluna 3 se refere a cartas de leitores da revista; a coluna 4 se refere às seções Ponto de Vista, Em foco ou outras; A coluna 6 se refere a matérias específicas sobre o tema; a cobertura total é a soma das colunas 1+2+3+4+5+6; a coluna 8 se refere ao total de páginas da revista (inclui publicidade e matérias sobre outros temas).

Mais de 30% da revista, durante seis semanas seguidas, foi dedicada ao tema. Mas a análise nos mostra que muito pouco havia de informação, em proveito de reprodução de matérias preconceituosas e pró-imperialistas. Para Arbex Jr. *Veja* ganharia “o grande troféu do preconceito contra o Islã, de parcialidade no tom das ‘reportagens’ e de percepção colonizada pelos interesses estratégicos da Casa Branca”.<sup>12</sup> Luiz Magalhães avalia:

(...) tudo bem que o semanário da Editora Abril tenha como um de seus mais caros valores a economia de mercado. Nada contra. Também não há nenhum problema no fato de a revista acreditar na “justiça” e na ampla mobilidade social do capitalismo. É o direito dos acionistas da empresa que edita *Veja*. A família Civita, proprietária da Abril, acredita nesses valores há muito tempo e tem o direito de compartilhar com os seus leitores as suas graves preocupações com a ameaça que paira sobre os EUA e “todo o mundo ocidental”. Nada disto, portanto, incomoda. O que incomoda na *Veja* é a editorialização das reportagens que apresenta aos seus leitores. Não basta o editorial. É preciso convencer o público de que *Veja* tem razão. Sempre.<sup>13</sup>

Muito do que foi dito e visto sobre os atentados foram pura *desinformação*, pois importava preencher páginas e tempo com aqueles fatos que abalaram o mundo apenas na aparência, pela mera repetição de imagens. Ao mesmo tempo em que havia um interesse comercial da mídia em vender, houve um interesse mais amplo do Departamento de Estado estadunidense em desinformar, fazendo com que a mídia reproduzisse sua propaganda, abrindo espaço para a aprovação de todos os seus atos.

A existência de Bin Laden e dos atentados acabaram sendo algo positivo para a política externa estadunidense, como disse Dowbor, “se Bin Laden não existisse, seria necessário inventá-lo”.<sup>14</sup> Foram muitos os lucros dos Estados Unidos com os atentados: a legitimidade conquistada por Bush, que de “impostor”, passa a ser visto como “estadista”; a globalização, pois o movimento antiglobalização torna-se alvo prioritário da repressão e criminalização dos movimentos sociais; o petróleo, pois forjou-se “o pretexto para uma intervenção em grande escala na região, certamente impensável até 11 de setembro”;<sup>15</sup> a geopolítica, consolidando uma estratégia de longa data de deslegitimação da ONU; a indústria armamentista, que ganha evidente novo fôlego com as novas investidas do império.

Os atentados foram um bom negócio midiático também para *Veja*. Segundo editorial:

Nunca um assunto estampado na capa de VEJA atraiu tanto a atenção dos leitores quanto os atentados terroristas a Nova York e Washington. Com exceção do número de lançamento da revista, em setembro de 1968, a edição da semana passada ultrapassou todos os recordes históricos de procura nos pontos-de-venda do país. Mais de 400.000 exemplares foram vendidos nas bancas. A edição esgotou-se no fim de semana. Em muitas capitais, no sábado à tarde já não se podia mais achar VEJA. Com isso, a circulação total da revista (...) ultrapassou a casa de 1,3 milhão de exemplares.<sup>16</sup>

A revista diz se orgulhar de ter conseguido “*informar com exatidão e analisar com profundidade e sem rodeios as reais dimensões da tragédia que mudou o curso da história mundial*”.<sup>17</sup> Desejava com isso consolidar a posição de uma nova-nova ordem, baseada na superficialidade apresentada como “profundidade”. Se colocava no papel de “um porto seguro de informações exatas e análises da grave situação de guerra em que a ousadia sem limites do terror colocou o planeta”.<sup>18</sup> Embora, efetivamente, muitas páginas tenham sido publicadas, poucas informações são de fato apresentadas, prevalecendo a apologia, reprodutora do discurso do Pentágono.

A análise a seguir buscará mostrar as linhas gerais da cobertura da revista. Perceberemos a prática comum do modelo de propaganda de uma forma mais explícita, em que afirmações que causaram polêmica mesmo nos EUA, em *Veja* aparecem como indiscutíveis, apresentando os EUA como vítima absoluta.

#### *A “guerra justa” e a mudança da ordem mundial*

Na capa da primeira edição após 11 de setembro, enunciava-se: O IMPÉRIO VULNERÁVEL. As manchetes sensacionalistas anunciavam a tônica da interpretação da revista: “os americanos prometem acabar com os países que abrigam terroristas”; “a perícia dos pilotos suicidas”; “Ocidente x Oriente: choque de civilizações”; “o medo da recessão mundial”. A revista firmaria seu credo no editorial: “o que incomoda o terror”:

O verdadeiro alvo visado pelos terroristas que atacaram Nova York e Washington na semana passada não foram as torres gêmeas do sul de Manhattan nem o edifício do Pentágono. O atentado foi cometido contra um sistema social e econômico que, mesmo longe da perfeição, é o mais justo e livre que a humanidade conseguiu fazer funcionar ininterruptamente até hoje. Não foi um ataque de Davi contra Goliás. Nem um grito dos excluídos do Terceiro Mundo que, de modo trágico mas efetivo, se fez ouvir no império. Foi uma agressão perpetrada contra os mais caros e mais frágeis valores ocidentais: a democracia e a economia de mercado.<sup>19</sup>

A própria revista proclama o que considera os “valores supremos” e “mais justos” que até hoje a humanidade teria logrado alcançar: o capitalismo sob hegemonia dos EUA. Define quais são os responsáveis pelos atentados e interpreta quais seriam suas supostas motivações:

O que realmente incomoda a ponto da exasperação os fundamentalistas, apontados como os principais suspeitos da autoria dos atentados, não é só a arrogância americana ou seu apoio ao Estado de Israel. O que os radicais não toleram, mais que tudo, é a modernidade. É a existência de uma sociedade em que os justos podem viver sem ser incomodados e os pobres têm

possibilidades reais de atingir a prosperidade com o fruto de seu trabalho. Esse é o verdadeiro anátema dos terroristas que atacaram os Estados Unidos. Eles são enviados da morte, da elite teocrática, medieval, tirânica que exerce o poder absoluto em seus feudos. Para eles, a democracia é satânica. Por isso tem que ser combatida e destruída.<sup>20</sup>

O agente amalgamador de toda a pregação é a modernidade capitalista, que supostamente garante aos que trabalham – retomando a ética protestante em desuso – usufruírem seus frutos. A democracia é convocada ao final, como acessório dissociado das relações sociais de exploração e reduzida a um ato individual.

ESTE MUNDO NUNCA MAIS SERÁ O MESMO. Esta é a manchete em página dupla, com fundo azul, dando destaque à foto das duas torres gêmeas do WTC, abrindo a cobertura. A explicação aponta a ameaça que representaria para o mundo os atentados contra a potência norte-americana: “depois dos atentados de Nova York e Washington, mudam o conceito de terrorismo e a forma com que o terror será combatido, enquanto os americanos descobrem que também são vulneráveis”.<sup>21</sup> Isso justificaria uma alteração completa no “andamento do mundo”, cuja regra vigente seria a nova ordem instaurada por George Bush, mantendo, entretanto, conformidade com o que vimos sobre a década de 1990:

Dez anos atrás, depois do colapso da União Soviética, o presidente George Bush, pai de George W., anunciou uma nova ordem mundial, cuja base era o triunfo dos valores americanos e da democracia liberal. Parecia que o derradeiro desafio da humanidade era promover o comércio global.<sup>22</sup>

O apoio à “guerra contra o terrorismo” e a escolha do Afeganistão como alvo não foi unânime como *Veja* quis fazer parecer. Muitas manifestações contrárias foram sistematicamente ignoradas. A revista não teve dúvidas, desde o início, da necessidade de guerra e, enfaticamente, para ela, “o momento pertence aos guerreiros”.<sup>23</sup> Uma guerra dessa natureza, sem um adversário claro, só poderia sustentar-se pela definição mais ampla possível dos inimigos, mesmo que para isso tivesse que utilizar métodos “antigos”: “a vitória não virá num único ataque, afirma Samuel Berger, presidente do Conselho de Segurança Nacional do governo Bill Clinton. É preciso desencadear uma guerra fria ao terror”.<sup>24</sup> Ou seja, começava a ficar mais explícita a continuidade das práticas da guerra fria, e, para que ficasse claro, a revista explicava que “como Israel, os Estados Unidos estão ansiosos para demonstrar que os ataques sempre serão defendidos”.<sup>25</sup> A guerra vaga é justificada por resposta a uma ofensa aos “valores superiores”, legitimando-se na prática do terror de Estado do governo israelense, o que passa a ser visto como razão definitiva.

O inimigo era apresentado como invisível e poderia estar em qualquer lugar, agindo sorrateiramente. Daí a necessidade de encontrar um culpado visível, que justificasse o ataque, no que a imprensa teve papel fundamental, convencendo e mobilizando a “opinião pública”. Assim, logo que o Secretário de Estado Collin Powell definiu Osama Bin Laden como o principal suspeito, *Veja* explicou que haveria dificuldades, pois a luta seria contra “o atraso”: “ataques aéreos não seriam decisivos naquele país arruinado por mais de duas décadas de guerra civil e pela insana política que retornou aos costumes medievais implantados pelo Taliban”.<sup>26</sup>

#### *Criando a “opinião pública”*

A “opinião pública” é utilizada para justificar a amplitude do ataque projetado: “diante do horror da destruição em Nova York, é improvável que o governo ou a opinião pública fiquem satisfeitos com uma simples retaliação aqui ou ali”.<sup>27</sup> O apoio deveria ser de todos, indiscriminadamente, pois “com o fim das ideologias e depois dos atentados, o planeta está agora obcecado pela segurança”.<sup>28</sup> Anuncia-se que os Estados Unidos dariam prioridade aos aliados “que os ajudem na manutenção da ordem”, e critica-se veladamente: “nesse tipo de questão, o Brasil geralmente fica de fora”.<sup>29</sup> Mais uma vez, a lógica do império é justificada.

*Veja* citava as palavras do presidente dos EUA avaliando os agressores como “covardes que não mostram a cara”.<sup>30</sup> Em seguida, lançou dados sobre a espionagem norte-americana, que aparecem como naturais, não se aplicando a lógica da “covardia”:

(...) os americanos gastam 30 bilhões de dólares por ano em inteligência, e só a CIA, o serviço de espionagem, tem 2.000 agentes no exterior. O sistema caríssimo de vigilância eletrônica por satélites é capaz de fazer fotos tão detalhadas que se podem identificar pontas de cigarros jogadas fora pelos guerrilheiros no Afeganistão.<sup>31</sup>

Não se comenta a dupla incoerência de que com todos esses gastos a “inteligência” não tenha sido capaz de impedir os atentados; nem que esses espões agem covardemente. Importava que essa seria uma “guerra suja e longa”.<sup>32</sup>

A necessidade de provas para justificar o ataque ao Afeganistão tornava-se dispensável, mesmo que causasse algum incômodo no mundo diplomático. O dever de apresentação de algo plausível levou Tony Blair a tornar públicas as supostas provas de envolvimento da rede Al Qaeda e de Bin Laden. Absolutamente nada de concreto foi descrito. Mas se acrescentava que “a imprensa americana e a CNN” teriam registros de depósitos bancá-

rios de membros da rede terrorista, e teriam gravado um diálogo telefônico entre “dois terroristas ligados a Osama Bin Laden” em que “ambos comemoravam o sucesso dos atentados”.<sup>33</sup> Assim, uma reportagem, que sequer apresenta algo de concreto, suprimiria a necessidade de comprovação. Para concluir, a revista citou uma entrevista de Colin Powell no NYT, em que ele disse que “mesmo que as provas de participação do terrorista nos atentados não fossem conclusivas, os americanos teriam o direito de caçá-los, pelo seu passivo de crimes contra os Estados Unidos e contra a civilização”, ao que completou a revista: “que a caçada seja bem-sucedida – e não esmague apenas a cabeça do monstro, mas também seus tentáculos”.<sup>34</sup> Dispensavam-se provas, justificava-se a “caçada”, tendo como fontes falas do governo da Inglaterra, dos Estados Unidos e da CNN, substitutos de qualquer posição contrária. Duas semanas depois, o editorial continuava com o mesmo tema, assim definindo a situação mundial:

Há sensação de que a ousadia do terror em atacar o palco mais cosmopolita do mundo, Nova York, e o centro nervoso da defesa dos Estados Unidos, o Pentágono, tirou o planeta dos eixos – e ele ainda não voltou à normalidade. Os efeitos traumáticos dessa nova ordem podem ser sentidos não apenas nas altas esferas da política e da diplomacia mundiais, mas no cotidiano das pessoas. As duas edições passadas de VEJA e a que agora chega às mãos dos leitores refletem esse clima de mudança permanente.<sup>35</sup>

O objetivo de “dar sentido aos fatos”, demanda a guerra para “colocar o planeta nos eixos”, afirmando inclusive que haveria “uma questão da qual quase todo mundo fugiu: a existência de guerras justas, de batalhas que precisam ser lutadas, um conceito que o próprio Vaticano reafirmou na semana passada”.<sup>36</sup> Portanto, o Vaticano, alvo de críticas freqüentes pela revista, serviu para justificar a guerra, remontando inclusive às Cruzadas medievais, na idéia de “guerra justa” contra os infiéis, que devia ser lutada a qualquer preço.

#### *Ligações perigosas: Bush e Bin Laden, parceiros no petróleo*

A ação imperialista estadunidense no Oriente Médio visando o controle das reservas de petróleo é ocultada pela revista. O interesse dos grupos que sustentam Bush é inegável, e foi o fundamento da invasão do Afeganistão e da satanização de Bin Laden, mas isso não foi sequer questionado, ocultando que:



Os grandes grupos na região incluem Chevron Texaco, Exxon Móbil, BP, PLC e Halliburton. O maior investidor é British Petroleum, o que explica em boa parte o entusiasmo de Blair de fazer os militares ingleses lutar contra Bin Laden e sobretudo acompanhar as entradas norte-americanas na região.<sup>37</sup>

A aproximação dos EUA com países como Quirquístão, Cazaquistão e a Geórgia, segundo *Veja*, se restringia a dizer que “o comportamento dos EUA no cenário internacional é que os novos amigos que o país vem fazendo (...) acabarão tomando o espaço econômico de países como México, Argentina ou Brasil, que vinham se esforçado há tempos para atrair investimentos americanos”. Ainda “segundo esse raciocínio, a derrocada do comunismo tinha deixado vários dos ex-Estados soviéticos à deriva”, mas agora, “ter um inimigo para dividir com os EUA virou um grande negócio”.<sup>38</sup> *Veja* não diz que

(...) a família Bush tem as empresas de petróleo como principal base de apoio político”, e se o Afeganistão tem importância reduzida com relação ao petróleo, sua invasão permitiria “a pretexto de combater o terrorismo (...) instalar as bases nos países limítrofes: Quirquístão, Usbequistão, Azerbaijão e outras repúblicas soviéticas”.<sup>39</sup>

Portanto, é “um país cuja localização geográfica é vital, justamente por ser a região de passagem entre o Oriente Médio e a Ásia Central”.<sup>40</sup>

Há que lembrar as ligações de Bin Laden com a CIA em ações do “tráfico de drogas do Triângulo Dourado (Afeganistão e Paquistão), [que] concretizaram-se na Ásia Central, no Cáucaso e nos Balcãs”, tendo servido o aparelho militar controlado pela CIA na região como catalisador da desintegração da União Soviética. O governo Clinton foi cúmplice de várias dessas organizações, inclusive os *freedom fighters*, de Bin Laden, conforme indicam documentos oficiais. Mais que isso, “há evidências de que a CIA nunca cortou vínculos com a Rede Militante Islâmica”.<sup>41</sup> Michael Moore levantou em suas obras recentes várias comprovações das ligações entre as famílias Laden e Bush<sup>42</sup>

Há muitas outras fontes que permitiriam pelo menos contestar essas posições da revista. Mas em *Veja*, sua posição aparece como sendo a verdade inabalável. Não há espaço para o contraditório. Os interesses empresariais e as ligações entre governo e grupos “terroristas” eram de conhecimento público, e facilmente se transformariam em matéria jornalística. Mas *Veja* optou por desviar a questão, chamando a atenção apenas para a necessidade de “amigos dos EUA”, talvez até colaborarem na guerra, para deles receber contratos.

### *Os “inimigos desprezíveis” da “civilização”*

Embora não tenham sido apresentadas provas, houve a definição dos culpados por parte do governo estadunidense e de *Veja*. O fato de que Bin Laden teria se rejubilado com os atentados e de que houve algumas manifestações no Oriente Médio, também nesse sentido, foram suficientes para a atribuição de culpa, até porque o seu passado já o condenaria por isso. Tudo que pudesse ser associado com os culpados oficiais passou a ser visto como inimigo: “afegãos”, “árabes”, “islamismo”, entre outros. Sempre essas definições são taxativas, dispensando uma conceituação historicamente fundamentada, o que pode ser visto nas palavras usadas para classificar os “inimigos”: “homem das cavernas”,<sup>43</sup> “muçulmanos fanáticos”,<sup>44</sup> “caçados como trogloditas pré-históricos”,<sup>45</sup> “fundamentalistas”,<sup>46</sup> “moram numa toca”,<sup>47</sup> “terrorista notório”,<sup>48</sup> “fascismo islâmico”.<sup>49</sup> Nesse sentido, o “chefão do terrorismo”<sup>50</sup> é também definido como “dono de uma mente privilegiada” e coordenador de uma “corte de fanáticos”.<sup>51</sup>

Sem esclarecer a origem da informação, *Veja* definiu quais seriam as intenções do grupo de Bin Laden:

Os objetivos dessa multinacional sinistra são, num primeiro instante, a derrubada, nos países muçulmanos, de todos os governos considerados pró-ocidentais. Depois todas essas nações se uniriam num grande império governado exclusivamente pelos dogmas do Corão. Essas idéias fazem de Osama Bin Laden, idealizador e chefe da Al Qaeda, uma personalidade tão delirante quanto o ditador nazista Adolf Hitler ou o ratinho Cérebro do desenho animado, aquele que acorda todas as manhãs com a obsessão de dominar o mundo.<sup>52</sup>

O império dos EUA inventa impérios de papel como inimigos. O problema estaria na formação de um “império”, associando o inimigo a Hitler.

Depois de traçar tal quadro e diante da impossibilidade de sustentá-lo, restava desmoralizar Bin Laden, comparando seus planos aos de um personagem de desenho animado. Também com esse sentido, criticava que “os mulás controlam a vida social, política, militar e econômica do país. Definem comportamentos, estabelecem quem são os inimigos e amigos do país”.<sup>53</sup> Perceba-se que foi justamente em razão de os EUA estarem definindo seus inimigos naqueles que os criticavam por definirem padrões de comportamento para o mundo e serem imperialistas que *Veja* comprou sua causa, apoiando de forma incontestante o padrão estadunidense.

A forma como foi definido que o mulá Mahamed Omar seria um dos líderes da Al Qaeda também é elucidativa do tratamento dado a esses inimigos. *Veja* diz que o “chefão gosta de sentar ao volante de um carro parado e brincar de motorista. Com a boca, simula o ronco do

motor e o som da buzina, do jeito que fazem crianças de 6 anos: roam, bibi, fonfon”.<sup>54</sup> A fonte dessa “informação” seria o seu ex-médico, refugiado no Paquistão, “cujo nome não foi divulgado porque isso ajudaria a identificar seus familiares no Afeganistão”.<sup>55</sup> A definição sobre “um dos mais intrigantes personagens do momento”, como se tratasse de alguma telenovela, mostrava que esse “fanático religioso” que “conduziu um país miserável a um conflito militar com os Estados Unidos é um doido varrido”.<sup>56</sup> Nessa formulação, não seriam os EUA a invadir o Afeganistão, e sim os afegãos que conduziriam o país à guerra.

Justificando a dificuldade em descobrir previamente a ação inimiga, a revista explicava que “para um homem-bomba na Palestina basta enrolar explosivos em torno da cintura e procurar vítimas indefesas entre os israelenses”.<sup>57</sup> Uma suposta facilidade para morrer dos palestinos, os contrapunha aos “indefesos israelenses”. E prossegue com muita precisão: “há notícias de que Bin Laden está particularmente irritado com o apoio de Washington a Israel”.<sup>58</sup> A propaganda se completa dizendo que ele teria acabado de “Destruir com seu atentado insano as reservas de simpatia mundial em relação ao povo palestino. Pode-se até dizer que a partir de agora os americanos devem mostrar-se mais compreensivos diante da brutal reação israelense ao terrorismo islâmico”.<sup>59</sup> O verbo dever pode expressar uma hipótese como também uma obrigação, uma exigência. Não está claro qual o sentido de sua utilização aqui, mas indica que haverá mais ação militar israelense contra o povo palestino, com apoio estadunidense, e exige-se a anuência de todos, pois “as reservas de simpatia” para com os palestinos estariam destruídas. Conclui a revista alertando que “o que os fundamentalistas não suportam em Israel”, é “o fato de o Estado judeu ser a presença ocidental mais perto de suas mesquitas”,<sup>60</sup> explicando o que a ocidentalidade significaria: “princípios básicos, notadamente a liberdade política e individual”.<sup>61</sup>

Para definir as “vítimas merecedoras”, *Veja* apresenta a ação dos muçulmanos,

(...) pelo menos sua minoria radical: Tem uma disposição fanática para matar e morrer e se em num ódio incontrolável contra os Estados Unidos, em sua opinião, um país satânico. Em sua visão, atacar o demônio americano garante ao fiel um lugar de honra no paraíso. Como se pode lidar com terroristas cujo objetivo é retornar ao século VIII? Eles não fazem exigências, não pedem dinheiro para libertar reféns, só querem ver sangue.<sup>62</sup>

Diante disso, um Bin Laden (irracional e sanguinário) é transformado no “inimigo número 1 da América” ou ainda “um outro pesadelo produzido pelo mundo islâmico”.<sup>63</sup> O fato de ele ter recebido treinamento militar dos EUA aparece como “ironia”, e não como consequência da política de intervenções em nações soberanas justificadas pela fúria expansionista estadunidense. Depois de discorrer rapidamente sobre as práticas de Bin Laden e da Al Qaeda, a revista sintetiza: “mesmo se não for responsável pelo ataque infame ao World Trade

Center e ao Pentágono, Osama Bin Laden tem uma folha corrida que justifica sua fama e as novas terríveis suspeitas que agora pesam sobre ele”.<sup>64</sup> Ou seja, ainda que pudesse ser inocente mereceria ser castigado. Seu currículo permitiria acusá-lo de qualquer coisa, exatamente a mesma argumentação, com quase as mesmas palavras de Collin Powell, citadas anteriormente.

Os afegãos, por sua vez, são mostrados como pessoas que “vivem como animais”, seriam o “país que mais produz refugiados no mundo”.<sup>65</sup> Esse é um raro momento em que se comenta a questão dos refugiados afegãos, vítimas dos ataques dos EUA. *Veja* se excede e menciona que “toda ajuda humanitária oferecida (...) tem se revelado incapaz de evitar as cenas trágicas que fazem parte do cotidiano dos acampamentos”.<sup>66</sup> Nada diz sobre a forma dessa ajuda, que jogava alimentos envoltos em panfletos pró-EUA, condenada até por ONGs como a Médicos sem Fronteiras, que a considerou uma “manipulação inadmissível da ajuda humanitária: seria muito mais generoso não os matar, não bombardear as instalações militares, ministérios ou centros de comunicação”.<sup>67</sup> *Veja* reproduzia o cinismo da “ajuda humanitária” que segue os mísseis.

Os sauditas, de forma geral, foram definidos como “pobres pés-sujos, gente ignorante e fanatizada por seus líderes religiosos”.<sup>68</sup> A revista justifica de antemão represálias contra tais “bárbaros”: “agora, de novo, muita gente nos países muçulmanos está ficando do lado errado. Do lado, inevitavelmente, do perdedor”.<sup>69</sup> Mais uma vez, repete que há “um lado certo”, que fica evidente quando esboça uma crítica aos “ricos”, que não seriam “tão manobrados”, mas que “teriam perdido suas fortunas, seu estilo de vida e até seu país caso os Estados Unidos não os salvassem da gula territorial do iraquiano Saddam Hussein. No entanto, eles esqueceram disso”, e veriam em Bin Laden um “defensor da causa árabe contra os americanos maus”.<sup>70</sup> Para se justificar, refere-se à Guerra do Golfo como se ela tivesse sido planejada por Hussein, e não tivesse nada a ver com a expansão estadunidense para o controle do petróleo da região.

O mercenarismo reaparece na imagem projetada sobre os afegãos. A corrupção, denunciada em outros momentos, é aqui estimulada. Para *Veja*, convenientemente, seriam corrompidos apenas os miseráveis que se vendem, eliminando o problema moral para os que corrompem à força de dinheiro e bombas. Ao tratar da “reconstrução” do Afeganistão, quando apenas iniciavam os ataques terrestres, além de informar que Collin Powell “combinau com os paquistaneses como será o futuro governo do Afeganistão”, mais uma vez passando por cima da ONU, sem questionamento da revista, explicou que

A CIA está tentando conquistar o apoio dos chefes tribais patanes para essa solução. Não é tão difícil quanto parece, pois tradicionalmente eles lutam por quem paga melhor ou tem maior chance de vencer. Os americanos apostam que é apenas questão de acertar o preço e os pródios afegãos entregarão Osama Bin Laden e seus terroristas.<sup>71</sup>

Argumento semelhante seria usado em 2003, quando da nova investida no Iraque pelos EUA, em que se disse que os estadunidenses seriam recebidos com festa pela população local. Nada disso se revelou verdadeiro, e Bin Laden não foi entregue pelos afegãos, mesmo sendo apenas uma “questão de preço”.

Para *Veja*, qualquer questionamento passa a ser suspeito de “antiamericanismo”, expressão que serve muito bem para não entrar no mérito da questão. Até mesmo a autorização para utilização pela CIA de métodos ilegais de tortura é considerada como “barreiras éticas suspensas em nome da necessidade de derrotar o terrorismo”,<sup>72</sup> como uma dificuldade a mais a ser superada: “o desafio agora é fazer com que os agentes voltem a pisar na lama e produzir resultados. Mesmo que seja à moda antiga. A moda antiga é a dos golpes de Estado, dos assassinatos e chantagens”.<sup>73</sup> Portanto, essas medidas são plenamente justificadas pela revista.

A caracterização do inimigo não estaria completa sem a recorrência ao antigo “perigo comunista”, o que *Veja* faria na matéria de cinco páginas na qual define Bin Laden como “o Che Guevara do Islã”. Inicialmente, apresenta seu histórico e biografia mostrando que há muito tempo planejava uma ação grandiosa contra os EUA. É descrito como um herói do Oriente Médio, “assim como o revolucionário comunista, o terrorista tem seu rosto e frases estampados em pôsteres e camisetas”.<sup>74</sup> Tirando essa associação, nada mais é dito que vincule os dois personagens. Olhando porém a manchete e as fotografias mostrando pôsteres, livros e fitas sendo vendidos com a imagem de Bin Laden, a revista procurar produzir a associação com o “comunismo”.

#### *O terrorismo que serve aos Estados Unidos*

Não sem propósito, *Veja* se eximiu de definir, apesar de tantas páginas publicadas, o que é o terrorismo. É de 1998 a definição mais clara que encontramos em suas páginas, quando se referia à Palestina:

*Ato de violência política ligado a uma causa bem identificada e provida de certa racionalidade. (...) Pode-se classificar como terrorista toda a atrocidade contra civis – mas isso também é amplo demais para uma definição. Essas questões, contudo, parecem ter ficado bizantinas com*

a substituição do terrorismo clássico, ideológico e bem localizado territorialmente por uma nova forma, errática e letal, ligada quase sempre a razões indecifráveis. (...) O objetivo do terrorismo dos anos 90 é quase sempre o próprio terror. Não se pretende libertar a Palestina ou obter a independência do País Basco – só provocar um ato quase de ira divina.<sup>75</sup>

A primeira parte da definição remete ao terrorismo “clássico”, à qual se contrapõe a segunda, que remete ao “fundamentalismo”, do “terror pelo terror”, o que permite eliminar qualquer racionalidade dos atos, inclusive negando-lhes o sentido político de que se revestem, como a libertação palestina.

No entanto, como apontou Chomsky, qualquer definição mais séria de terrorismo obri-garia a enquadrar os Estados Unidos:

Vale lembrar – particularmente por se tratar de um dado que foi sistematicamente ocultado – que os EUA são o único país que já foi condenado por terrorismo internacional pela Corte Mundial e que já vetou uma resolução do Conselho de Segurança que exigia que eles respeessem as leis internacionais.<sup>76</sup>

O mesmo autor diz que nos manuais militares estadunidenses “define-se como terror a utilização calculada, para fins políticos ou religiosos, da violência, da intimidação, da coerção ou do medo”.<sup>77</sup> Ou seja, a definição dos próprios EUA corresponde à sua prática nos países que têm subjugado ao longo do século XX.

Essas questões são totalmente ocultadas por *Veja*. Esse ocultamento é fortemente respaldado pela ideologia, criada pela própria revista (como mais um inimigo) do “antiame-ricanismo”. O “fundamentalismo” dos próprios Estados Unidos jamais é questionado. O jornalista norte-americano Scowen, ao discutir a questão, cita uma fala do presidente Truman a respeito da bomba atômica que é auto-explicativa: “agradecemos a Deus por [a bomba] ter vindo a nós em vez de nossos inimigos; e oramos para que Ele nos guie para usá-la à Sua maneira e com Seus propósitos”.<sup>78</sup> E o autor conclui que “sob as mesmas circunstâncias, Bin Laden não usaria outras palavras”.

#### *E os emissores das Armas Biológicas?*

Não poderíamos deixar de fazer referência à chamada Guerra Biológica, que seria su-postamente levada a cabo pelos “terroristas afegãos”, instaurando o

(...) pânico, a insegurança, a desordem: Para as autoridades americanas, esse novo ataque terrorista foi tão desconcertante como os dos aviões, ocorrido há um mês. Agentes do FBI foram morar nas sedes regionais dos correios. Em uma semana de trabalho, não divulgaram nenhuma descoberta importante.<sup>79</sup>

A matéria foi destacada na capa, com a fotografia de um bombeiro vestido com uma roupa de proteção parecendo um traje de astronauta, com as manchetes:

ANTHRAX. O MAL INVISÍVEL: a guerra covarde com bactérias pode estar apenas começando; detector de metais na Praça de São Pedro, metralhadoras na Torre Eiffel e mísseis para proteger usinas nucleares na Europa; o terror nos correios transtorna a economia e o estilo de vida nos EUA; a tensão entre israelenses e palestinos abre outro front da guerra.<sup>80</sup>

A reportagem estranha o fato de que “é a primeira vez que o terrorismo recorre com sucesso às armas biológicas”.<sup>81</sup> Aqui se remete ao inimigo indefinido, sendo subentendida a culpa dos terroristas. Uma onda de histeria formou-se em relação ao antraz, o pó químico criado em laboratório que pode levar à morte em minutos. Mas muito pouco foi elucidado sobre ele, apenas que não há indícios de vínculos desses atos com a rede Al Qaeda. Pelo contrário, há fortes indícios de que se tratou de um movimento da ultradireita estadunidense, que nada mais fez do que usar armas químicas que o seu país já tinha utilizado em ataques militares, mesmo contra populações civis. Depois de fomentado o pânico, o tema foi silenciado. Não se falaria mais nisso, sem maiores explicações.

#### *O eixo natural do mundo versus o “antiamericanismo”*

Para consolidar sua posição, a revista diz que “trata em profundidade da questão do antiamericanismo, fenômeno complexo, multifacetado mas real”, que seria

O uso político que foi feito desse sentimento pelos tradicionais adversários dos Estados Unidos e pelos inconformados com a dispersão do estilo de vida americano pelo mundo. A reportagem de fundo mostra que a manipulação demagógica do antiamericanismo tentou transformar a vítima em culpada pelo atentado terrorista.<sup>82</sup>

*Veja* também propõe que qualquer questionamento histórico da responsabilidade dos EUA pelo terrorismo seria um ato de “adversário da civilização” similar ao terrorismo. Propaganda que o mundo “deve voltar ao eixo natural”,<sup>83</sup> isto é, com os EUA no centro. A situação seria especial, referindo-se a supostos “bem intencionados” que, habituados a uma automática reação antiamericana, “não conseguem conceber uma situação na qual a superpotência seja vítima”; essas pessoas seriam “bem intencionados e mal informados”.<sup>84</sup> A propaganda pró-estadunidense de *Veja* ainda apela para uma suposta “independência”: “informar” que “um país agredido tem o direito de revidar”.<sup>85</sup> Sem outras formas para justificar a guerra, recai em um discurso ideológico desistorizado, desconectando a conjuntura de todo o passado. A revista já havia indicado aos movimentos de “oposição à globa-

lização (...) ambientalista, de minorias, das ONGs e sindicatos”, que eles deveriam englobar em suas lutas “o Islã como fonte de preocupação para a paz mundial”.<sup>86</sup> Agora a tônica era de indignação pela “reação antiamericana”, publicando uma fotografia de mais de uma página com a legenda: “face americana. Jovens franceses quebram um McDonald’s no interior do país no ano passado: a antiglobalização mira nos Estados Unidos”.<sup>87</sup> Uma imagem mostra pés pisando na bandeira dos EUA, e define essa atitude como doentia e contagiosa: “o vírus anti-EUA”. E assim escrevia:

(...) em tempos de paz, o antiamericanismo no Ocidente é uma postura inofensiva, adotada por gente que veste jeans, toma Coca Cola, come hambúrguer e manda os filhos para os parques da Disney World. Nas conversas dessas pessoas, os americanos são descritos como senhores do mundo mas superficiais, imersos numa cultura consumista e tosca quando comparada aos supostos refinamentos do estilo europeu.<sup>88</sup>

Portanto, o pensamento mundial teria que se unificar diante da situação.

As manifestações contrárias à guerra são reduzidas ao “antiamericanismo” de uma classe média que gostava mesmo de consumir as benesses do mundo do consumo. Assim caricaturizadas as manifestações anticapitalistas, *Veja* admite que “em tempos de paz” seriam compatíveis com o sistema. Agora, exigia uma postura mais “responsável”:

Nos dias que se seguiram ao assassinato de milhares de trabalhadores, predominantemente americanos, mas também de dezenas de outras nacionalidades, no ataque terrorista às torres gêmeas em NY, o uso político dessa ideologia perdeu a inocência de que habitualmente se reveste. Mal se contaram os mortos nos atentados e já viajava pelo mundo a idéia de que os EUA foram, em última análise, os causadores da tragédia que se abateu sobre eles. Por mais graves que tenham sido os erros e até os crimes cometidos pelos americanos em sua expansão imperial no decorrer do século que se encerrou, as críticas de que foram alvo em demonstrações pelas capitais do mundo na semana passada eram elas próprias um atentado ao bom senso.<sup>89</sup>

Para explicar esse posicionamento, a revista faz um histórico do que teria sido a intervenção no século XX dos EUA, mas, de fato, elabora uma metanarrativa ficcional. Assim destaca que “foram os caipiras da América que em três oportunidades no século que passou salvaram a refinada civilização européia do caos”.<sup>90</sup> E prossegue: “antes que século acabasse, os americanos liquidaram, sem violência, outro regime bárbaro, o comunismo soviético”.<sup>91</sup> *Veja* esqueceu que havia dito que o “comunismo caiu sozinho”, e também não há maiores explicações sobre esse papel estadunidense na derrubada do comunismo, embora é óbvio que não se trata de referência ao Kosovo, Timor, América Central ou aos embargos a Cuba e Iraque.



*Veja* diz ainda que, certamente, “não atraem simpatia” alguns “problemas” como a negação em assinar o tratado de Kioto pelos EUA, mas ressalta que “é um tapa na diplomacia mundial o governo americano levar criminosos de guerra a tribunais internacionais, como fez recentemente com o ex-presidente da Iugoslávia”.<sup>92</sup> Além de não haver comentários sobre os “crimes dos EUA”, passa em branco o fato de esse país se recusar a aderir ao Tribunal Penal Internacional para julgar crimes de guerra. E como fonte dessas considerações, citava “o inglês Bryan Appleyard, autor de um artigo sobre o tema publicado pelo jornal londrino *The Sunday Times* e reproduzido no Brasil pelo jornal *O Estado de São Paulo*”, que reduzia “o antiamericanismo a um problema de Londres e Paris, sendo resultado de um pouco de irracionalidade, modismo e ignorância mesmo”. A partir daí, *Veja* completa que “pode-se acrescentar um outro ingrediente, a inveja pura e simples. (...) Os americanos são hoje os mais inteligentes, mais educados e cultos povos do planeta”.<sup>93</sup> A uma fonte casual, criticando o suposto irracionalismo europeu, se reduz toda e qualquer manifestação anticapitalista. Mesmo que existissem “erros passados” dos EUA, pois “não existem impérios inocentes”, esses “não deveriam pairar sobre eles como uma condenação perpétua. Ao menos na hora do luto”.<sup>94</sup> Segundo, caberia aos Estados Unidos definirem, enfim, o que seria feito. *Veja* se antecipa para sugerir um “reordenamento mundial”:

Ainda é cedo para saber se os atentados de 11 de setembro aos Estados Unidos também vão produzir um reordenamento qualquer ou se tudo voltará a ser como antes quando o trauma passar. A sensação que se tem depois de quase um mês dos atos terroristas é de que o mundo continua fora do seu eixo natural. Alguma coisa se alterou no mecanismo que rege as coisas.<sup>95</sup>

Claro que, para *Veja*, esse “eixo natural” somente poderia ser os EUA à frente do processo de “livre mercado”.

#### *Os rápidos e os lentos: legitimando a direitização*

Qualquer contestação era apresentada como “antiamericanismo”, portanto, inaceitável. Aqueles que se colocavam contra a postura belicista estadunidense eram vistos como impatriotas, “do lado errado”: a revista vestia a camisa do “ou estão conosco ou com os terroristas”. Estamos diante do progressivo processo de direitização dos Estados Unidos, que não é discutido por *Veja*. A revista participa de uma verdadeira campanha, que teve como foco a indignação com as manifestações pela paz; a exaltação à conversão de “esquerdistas”; e de ofensas diretas aos intelectuais que questionaram as motivações dos atentados.

Ao noticiar, ainda que vagamente, as manifestações pela paz, o mesmo estilo adjetivado foi utilizado, considerando os questionamentos uma “obtusidade moral”. Inicialmente se dizia que havia uma “confusão conceitual”, pois “a guerra (a resposta americana à agressão, que possivelmente nem terá o formato de um confronto convencional) é colocada no mesmo nível que o terrorismo, quando não é considerada pior ainda”.<sup>96</sup> O que é um argumento sério, pois não há justificativa para fazer guerra contra uma nação na medida em que os ataques foram realizados por um grupo, é deixado fora de questão:

O uso de crianças inocentes, de artistas cabeça oca e de ingênuos em geral não obscureceu um fato: no estado de embotamento moral propiciado por tal inversão de valores, praticamente desapareceram as manifestações de pesar, como exigiria o mais elementar sentimento de humanidade, pelas mais de 6.000 pessoas imoladas na fúria terrorista.<sup>97</sup>

A postura generalizada nos EUA após os ataques de 11 de setembro foi a negação de qualquer possibilidade de questionamento das motivações dos atos terroristas, pelo menos na imprensa. Mas existiram vozes dissonantes, que de antemão foram tratadas pela mídia como traidores, levando a muitos casos de demissões ou retratações públicas. A supervalorização do fato, como no dado impreciso e duplicado do número de vítimas, busca atingir o sentimento do senso comum. *Veja* reproduziu essa mesma apologia, chegando a afirmar que “nasce uma nova geração”, formada por universitários que estariam “contrariando uma velha tradição que os colocava na faixa dos críticos implacáveis do governo”.<sup>98</sup>

Em perfeita sintonia com a guinada direitizante nos EUA, *Veja* prepara matéria para dizer que “surpreendentemente”, as “universidades mais críticas como Berkeley e Harvard” tiveram postura “a favor de uma ação militar contra os autores dos atentados terroristas”.<sup>99</sup> Uma pesquisa em Harvard teria mostrado que “69% dos alunos aprovariam uma investida militar contra os terroristas” e que “quatro entre dez estudantes se alistariam numa unidade militar caso o governo precisasse deles”. Mas, ressaltava a revista, o jornal dos estudantes lamentou “o fato de que foram poucos os alunos que se disseram prontos para vestir uma farda”.<sup>100</sup> O importante é a seqüência de caracterização do *campus*, informando que ali “as primeiras feministas queimaram seus sutiãs”, “os *hippies* fumaram seus primeiros cigarros de maconha”, e coisas do tipo, para definir a universidade como um local contestador e de um “esquerdismo acadêmico”, tendo sido “declarada área livre pelos intelectuais”.<sup>101</sup> Esses estudantes, inclusive, participaram de movimentos contra “a globalização”, mas agora teriam percebido a “nova ordem”, como disse o aluno que “entenderia as ‘razões de estado’ de uma lei antiterror que limitasse as liberdades civis”.<sup>102</sup>

Produzidos os estudantes belicistas, tratava-se de desqualificar os professores resistentes.<sup>103</sup> Destacam-se intelectuais como Edward Said, Susan Sontag e Noam Chomsky. *Veja* diria que

A batalha das palavras envolve dois lados: os rápidos e os lentos. Os rápidos são aqueles que captaram as dimensões da mudança provocada pelos ataques. Perceberam que noções perfeitamente aceitáveis no mundo pré-ataques não se aplicavam mais depois deles. Os lentos, tanto conservadores quanto liberais, não assimilaram e continuam a rodar o mesmo programa mental que tinham antes.<sup>104</sup>

Entre os “lentos” estaria Edward Said, “o mais conhecido intelectual palestino”, apresentado como um caso clássico de “confusão” gerada pela nova situação. Segundo a revista, “escrevendo no piloto automático, afirmou que o 11 de setembro se transformou numa enorme propaganda em benefício de Sharon”. *Veja* corrige: “Errado. Bush falou na semana passada. Pela primeira vez, na eventual criação de um Estado palestino, o tipo de assunto que provoca apoplexia em gente como Sharon”,<sup>105</sup> e completava:

Quem achava que a religião muçulmana seria lançada na vala comum do terrorismo (com reações de horror entre a esquerda, de gáudio para os direitistas lentos) ficou sem ter o que falar diante das insistentes loas tecidas pelo presidente caipira à fé dos seguidores do profeta Maomé. Você, caro leitor, está condoído pela sorte dos pobres afegãos que agora engrossam as fileiras dos refugiados? Donald Rumsfeld, o super-falcão do Departamento de Defesa, também ficou de “coração partido” e lá se foram 320 milhões de dólares dos EUA para ajudar os flagelados afegãos.<sup>106</sup>

A revista não deixa espaço para o leitor pensar, e reitera de forma irônica que os “pobres afegãos” estariam sendo atendidos pela “ajuda humanitária”, após terem seu país arrasado pelos mísseis estadunidenses. O problema maior seriam as “flexibilidades” dos “lentos” que poderia levá-los a questionar as atitudes do Império. É também por isso que ela narra um episódio que envolveu Rod Dreher, colunista do *New York Post*, e Susan Sontag. Segundo *Veja*, “tantas manifestações de flexibilidade não bastaram para impressionar a escritora Susan Sontag, que insistiu com todas as letras que o atentado foi uma consequência direta das ações e alianças americanas”. Diante disso, Dreher escreveu que gostaria de atravessar a ponte do Brooklyn, em NY, de pés descalços sobre cacos de vidro, até o apartamento de Sontag, agarrá-la pelo pescoço, arrastá-la ao WTC e fazê-la repetir o que havia escrito diante dos bombeiros que trabalharam nos escombros dos prédios.<sup>107</sup>

Assim deviam ser tratados os que discordavam do consenso por essa imprensa. Esse fechamento parece remeter ao tratamento dado ao leitor de *Veja*, pois se a revista deixou entrever a existência de um debate verdadeiro, o fez de forma a desqualificar os contestadores.

Como constatou Peter Scowen,

“Relativismo moral” e “dúvidas” não serviam; o patriotismo exacerbado e cego estava na ordem do dia. Questionar os Estados Unidos e seu governo ou examinar as causas primárias era, de alguma forma, falta de “clareza”; insistir na condição quase sagrada do país era considerado pensar claramente.<sup>108</sup>

Isso indica que a posição de *Veja* seguia exatamente a mesma posição patriota dominante nos EUA, como se observa em matéria que envolveu o lingüista e analista Noam Chomsky. A crítica partiu do jornalista Christopher Hitchens, que “foi para a briga com um artigo no qual metralhou o chamado relativismo moral dos intelectuais para os quais, de maneira bem resumida, ‘os Estados Unidos estão colhendo o que plantaram’”.<sup>109</sup> Ele acusou de “cretinos morais” e “estúpidos” aqueles que não viam que os Estados Unidos também “fazem a coisa certa”. Segundo *Veja*,

(...) seus mísseis têm endereço certo: o lingüista Noam Chomsky e sua turma. Ícone da esquerda e último refúgio dos preguiçosos (todo mundo bate a sua porta quando quer uma crítica invariável a qualquer iniciativa do governo americano), o professor ficou patentemente ao lado dos lentos.<sup>110</sup>

Segundo a reportagem, Chomsky:

Não mudou seu discurso em nada, insistindo em equiparar os atentados suicidas que pulverizaram quase 6.000 pessoas nos Estados Unidos ao bombardeio de uma fábrica de remédios no Sudão, desfechado em 1998 a mando do então presidente Bill Clinton, numa desastrada tentativa de punir colaboradores de Osama Bin Laden. Chomsky sustentou, delirantemente, que o bombardeio provocou “milhões” de mortes – depois reduziu para “dezena de milhares” e disse que eram vítimas da falta de remédios que teriam sido produzidos caso Clinton não tivesse bombardeado a fábrica. Para se ter uma idéia da discrepância, o ataque americano em si não matou ninguém.<sup>111</sup>

Por uma contorção, o ataque estadunidense “desastrado” continua justificado pela revista. Outras fontes não citadas por ela mostram que o ato contra a fábrica sudanesa tem exatamente as mesmas características de um atentado terrorista, ou seja, um míssil, disparado a 1,6 mil quilômetros de distância, contra uma fábrica que produzia remédios para malária e outras doenças do tipo numa nação totalmente arrasada por uma guerra civil onde grassava a fome e a miséria, como a própria revista teve oportunidade de mostrar em momentos anteriores, como já vimos. Chomsky e outros analistas, efetivamente, apontavam em muitos milhares as vítimas indiretas daquele ato, ao mesmo tempo em que enunciavam

a inexistência de relação entre Bin Laden e a fábrica bombardeada, tampouco de produção de armas químicas. Mas ao leitor de *Veja* foi vetado o acesso a esses dados “irrelevantes”, com a revista repetindo a fala oficial estadunidense de que foi um ato contra o terrorismo.

*Veja* havia noticiado brevemente o “engano” do bombardeio, atribuindo-o aos problemas internos do governo Clinton, em plena ameaça de *impeachment*, que teria levado a destruir a fábrica de remédios pela alegação de que ali existiria a fabricação de gases venenosos.<sup>112</sup> As suspeitas, segundo a revista, eram de que ali “funcionava, clandestinamente, um laboratório de armas químicas. Como evidência, o governo americano disse ter em seu poder amostras do solo da fábrica”, e que ela “funcionava com investimentos do saudita Osama Bin Laden, elevado pelos Estados Unidos à condição de Satânico Dr No – como no filme de James Bond – do terrorismo”.<sup>113</sup> Embora mostre brevemente as manifestações de repúdio por parte dos sudaneses e informe o fato de que o local foi totalmente disponibilizado para investigações, já naquele momento a postura foi de total desprezo da revista pelas vítimas e pelas decorrências do ato. Afinal, *Veja* perfilava no combate ao “terrorismo” e a fábrica poderia ser uma ameaça; essas seriam portanto “vítimas merecedoras”. Não houve tampouco cobrança de desculpas ou de reparação às vítimas.<sup>114</sup>

Dois anos antes do 11 de setembro ocorreram ataques a embaixadas dos EUA na África, quando Osama Bin Laden foi acusado de ser o responsável, mas naquele momento *Veja* dizia que “suspeitar automaticamente de que grandes atentados terroristas tenham origem no Oriente Médio passou a ser não só preconceituoso como tolo desde que um americano da gema explodiu um edifício público em Oklahoma, com 168 mortos”.<sup>115</sup> Essa avaliação, pertinente em 1998, não seria sequer lembrada em 2001. Importava agora uma mensagem tranquilizadora, para legitimar a ação do terror de Estado. Por isso, na cobertura, além de menosprezar Chomsky, citava Salman Rushdie: “Devemos concordar no que importa: beijar em lugares públicos, sanduíches de bacon, roupas decotadas, literatura, generosidade, água, uma distribuição mais equânime dos recursos do mundo, filmes, música, liberdade de pensamento, beleza e amor”.<sup>116</sup> Essa era a mensagem final, como um soma, uma droga tranquilizante do “admirável [novo] mundo” de *Veja*. A suposta vitória das forças “civilizadoras” foi comemorada pela revista. Sarcasticamente, publicou uma reportagem no final de 1998 onde, junto à manchete, aparece uma fotografia de homens esfarrapados mortos e um soldado da Aliança do Norte armado, que põe a bota sobre o rosto de um talibã morto estirado no chão: “ONDE ESTÃO OS FEROS GUERREIROS DO AFGANISTÃO?”.<sup>117</sup> Na seqüência, a revista dizia que, diante da continuidade da guerra, seria quase certo que logo pegariam Bin Laden, e que seria importante possuir dados sobre o seu DNA, pois “é difícil identificar uma pessoa morta por bomba”.<sup>118</sup> E já adiantava que a única

saída seria a identificação através de sua mãe, ao que, ironicamente pergunta: “como reagirá quando a CIA bater à porta de seu palácio pedindo ajuda para identificar o corpo do filho?”.<sup>119</sup> E assim encerra a matéria, novamente mostrando que o tratamento a essas vítimas (no caso de Laden, projeção de que seria vítima) nem de longe se compara àquele que “o mundo todo” teria “a obrigação” de dar às vítimas do WTC.

Essa foi a tônica geral dessa cobertura, marcada pela repetição das mesmas idéias que buscavam legitimar uma mesma ação: a expansão imperialista estadunidense. O tom era monocórdio, com o uso de imagens chocantes, manchetes garrafais, reproduzindo um sensacionalismo muito marcante. Algum tempo depois, a revista tentaria reescrever sua posição, passando a criticar aqueles que fizeram sensacionalismo e defenderam acima de tudo os EUA. Buscava assim relegar ao esquecimento seu próprio posicionamento. Simplesmente assume uma nova posição e passa a ser crítica da antiga, como se não fosse antes defendida por ela mesma.

*Recebido em março/2005; aprovado em junho/2005*

#### *Notas*

\* Este artigo é parte modificada de um capítulo da tese de doutorado. SILVA, C. *Veja: o indispensável partido neoliberal. 1989 a 2002*. Doutorado em História. UFF, Niterói. 2005.

\*\* Professora do curso de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. Mestre e doutora em História.

<sup>1</sup> Discutimos a noção de “perigo” enquanto uma construção histórica em: SILVA, C. *Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros. 1931-34*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

<sup>2</sup> HERMAN, E. S. e CHOMSKY, N. *A manipulação do público: política e poder econômico no uso da mídia*. São Paulo, Futura, 2003. p. 61.

<sup>3</sup> Trata-se da “limitação da propriedade da mídia com algum alcance substancial devido à necessidade de um grande investimento” (Cherman e Chomsky, op. cit. p. 64), os interesses empresariais se colocam na própria produção e distribuição do material jornalístico.

<sup>4</sup> São os inegáveis poderes dos anunciantes com relação ao órgão de imprensa, que se recusam a anunciar aquilo que vá contra a sua lógica de venda. Esse é um mecanismo que permite controlar, de várias formas, inclusive, a fala dos adversários.

<sup>5</sup> “A mídia de massa é levada a um relacionamento simbiótico com as poderosas fontes de informação pela necessidade econômica e pela reciprocidade de interesse” (Id., p. 77), o que leva a reduzir o leque de fontes, e o que é pior, utilizar fontes previamente controladas e programadas por órgãos governamentais. As fontes oficiais possuem também os seus “especialistas financiados” que se difundem nos órgãos de imprensa nas colunas de opinião, com o aval de algumas universidades e fundações que repetem sempre as “palavras autorizadas”.

<sup>6</sup> Essas baterias seguem a mesma lógica e possuem órgãos especializados para denunciar sempre que a mídia se desvirtuar, mesmo que por alguns instantes, da lógica do consenso. Eles agem ou por processo judiciais, ou por ações de “monitores” com interesses específicos. São institutos ou centros de mídia que agem como *think tank*.

<sup>7</sup> O filtro final é a ideologia do anticomunismo, à qual dedicaremos maior atenção adiante. É necessário considerar que a publicação de Herman e Chomsky foi escrita ainda no contexto da Guerra Fria, mas isso não invalida a constatação dessa ideologia ainda hoje.

<sup>8</sup> Id. p. 62.

<sup>9</sup> Id., p. 91.

<sup>10</sup> GIORDANO, E. La representación de los conflictos bélicos em la información económica. *Voces y culturas*, n. 17, Madri, 1º sem 2001, p. 78. Tradução livre.

<sup>11</sup> Embora isso não seja apontado nas reportagens, exceto nos créditos fotográficos. *Veja* utiliza os serviços internacionais da Associated Press, Agence France Presse e Reuters.

<sup>12</sup> ARBEX Jr. J. *O jornalismo canalha: a promíscua relação entre a mídia e o poder*. São Paulo, Casa Amarela, 2003, p. 69.

<sup>13</sup> MAGALHÃES, L. A. “Terror e preconceito - O que incomoda na revista *Veja*”. *Observatório da Imprensa*. 19 set de 2001. [www.obsertavorioidaimprensa.com.br](http://www.obsertavorioidaimprensa.com.br).

<sup>14</sup> DOWBOR, L., EUA: novos rumos? In: DOWBOR, L.; IANNI, O. e ANTAS JR. R. M. (orgs). *Estados Unidos: a supremacia contestada*. São Paulo, Cortez, 2003. p. 45.

<sup>15</sup> ARBEX Jr., op. cit., p. 63.

<sup>16</sup> Um porto seguro para o leitor. *Veja*. Carta ao leitor. 26/9/2001, p. 31. “Carta ao leitor” é a forma com que *Veja* se refere ao seu editorial.

<sup>17</sup> Id. (grifos meus).

<sup>18</sup> Id.

<sup>19</sup> “O que incomoda o terror”. Carta ao leitor. *Veja*. 19/9/2001. p. 9 (grifos meus).

<sup>20</sup> Id. (grifos meus).

<sup>21</sup> “Este mundo nunca mais será o mesmo”. *Veja*. 19/9/2001, pp. 46 e 47.

<sup>22</sup> “A descoberta da vulnerabilidade”. *Veja*. 19/9/2001, p. 50.

<sup>23</sup> Id., p. 52.

<sup>24</sup> Id., p. 53.

<sup>25</sup> Id.

<sup>26</sup> *A descoberta...* op. cit..

<sup>27</sup> Id.

<sup>28</sup> Id. (grifos meus).

<sup>29</sup> Id.

<sup>30</sup> Id., p. 54.

<sup>31</sup> Id.

- <sup>32</sup> “A guerra será suja e longa”. *Veja*. 26/9/2001. p. 44.
- <sup>33</sup> “Os tentáculos de Bin Laden”. *Veja*. 10/10/2001, pp. 44 e 45.
- <sup>34</sup> Id., p. 48 (grifos meus).
- <sup>35</sup> “A permanência da notícia”. Carta ao leitor. *Veja*. 3/10/2001. p. 31 (grifos meus).
- <sup>36</sup> Id. (grifos meus).
- <sup>37</sup> DOWBOR, op. cit., p. 44.
- <sup>38</sup> “Os novos amigos dos EUA”. *Veja*. 17/10/2001, p. 106.
- <sup>39</sup> DOWBOR, op. cit., p. 43.
- <sup>40</sup> ARBEX, op. cit., p. 63.
- <sup>41</sup> CHOSSUDOWSKY, op. cit., pp. 14 e 15.
- <sup>42</sup> MOORE, M. *Stupid White men: uma nação de idiotas*. 4 ed. São Paulo, Francis, 2003. *Cara, cadê o meu país?* São Paulo, Francis, 2004
- <sup>43</sup> “O cerco aos homens das cavernas”. *Veja*. 10/10/2001. p. 36.
- <sup>44</sup> Id.
- <sup>45</sup> Id., p. 37.
- <sup>46</sup> “O que querem os fundamentalistas”. *Veja*. 10/10/2001, p. 51.
- <sup>47</sup> “Os tentáculos de Bin Laden”. *Veja*. 10/10/2001. p. 47.
- <sup>48</sup> Id.
- <sup>49</sup> “A ratoeira está armada”. *Veja*. 3/10/2001, p. 46.
- <sup>50</sup> “Os tentáculos...”, op. cit., p. 43.
- <sup>51</sup> “A ratoeira está armada”. *Veja*. 3/10/2001. p. 49.
- <sup>52</sup> “Os tentáculos...”, op. cit., p. 46.
- <sup>53</sup> “O vírus anti-EUA”. *Veja*. 3/10/2001, p. 56 (grifos meus).
- <sup>54</sup> “O Mulá Bibi Fonfon”. *Veja*. 17/10/2001, p. 60.
- <sup>55</sup> Id.
- <sup>56</sup> Id. A explicação para essa “doideira” seria ele “ter encravado no cérebro fragmentos do míssil soviético que arrancou seu olho direito, em 1989”. P. 61.
- <sup>57</sup> “A descoberta da vulnerabilidade”. *Veja*. 19/9/2001, p. 56.
- <sup>58</sup> Id., p. 57.
- <sup>59</sup> Id., p. 58 (grifos meus).
- <sup>60</sup> Id.
- <sup>61</sup> Id.
- <sup>62</sup> Id., p. 57.
- <sup>63</sup> “O inimigo número 1 da América”. *Veja*. 19/9/2001, p. 68.



<sup>64</sup> Id., p. 72.

<sup>65</sup> “Vivendo como animais”. *Veja*. 17/10/2001, p. 78.

<sup>66</sup> Id., p. 80.

<sup>67</sup> *Desde el cielo la generosidad envenenada. Lanzar misiles y comida al mismo tiempo no es ser generoso, como pretende Bush, es ser cínico*. Jordi Raich, CCS. Analista de Médicos Sin Fronteras. [www.msf.org.br/mhome.asp](http://www.msf.org.br/mhome.asp) (20/11/2001).

<sup>68</sup> “Do lado errado de novo”. *Veja*. 17/10/2001, p. 86.

<sup>69</sup> Id., p. 90 (grifos meus).

<sup>70</sup> Id.

<sup>71</sup> “A luta olho no olho”. *Veja*. 24/10/2001, p. 58 (grifos meus).

<sup>72</sup> “Os espiões voltam à lama”. *Veja*. 17/10/2001, p. 98.

<sup>73</sup> Id., p. 100 (grifos meus).

<sup>74</sup> “O Che Guevara do Islã”. *Veja*. 26/9/2001, p. 62.

<sup>75</sup> “O horror inesperado”. *Veja*. 12/8/1998, p. 49.

<sup>76</sup> CHOMSKY, N. *11 de setembro*. 3 ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002. p. 49. O autor discute também a lei de definição de terrorismo nos EUA, que permitiria também enquadrar o país na mesma.

<sup>77</sup> CHOMSKY, N. “A arma dos poderosos”. *Cadernos Le Monde Diplomatique*, n. 3., janeiro de 2002. p. 6.

<sup>78</sup> SCOWEN, P. *O livro negro dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro, São Paulo, Record, 2003. p. 151.

<sup>79</sup> “O mal invisível”. *Veja*. 24/10/2001, p. 48.

<sup>80</sup> Capa. *Veja*. 24/10/2001.

<sup>81</sup> Id., p. 50.

<sup>82</sup> Id.

<sup>83</sup> “A tragédia reordena o mundo”. *Veja*. 10/10/2001, p. 92.

<sup>84</sup> “Quando a guerra é justa”. *Veja*. 3/10/2001. p. 65.

<sup>85</sup> Id., p. 66.

<sup>86</sup> “A descoberta da vulnerabilidade”. *Veja*. 19/9/2001, p. 58.

<sup>87</sup> “O vírus anti-EUA”. *Veja*. 3/10/2001. p. 58 e 59.

<sup>88</sup> Id., pp. 56-7.

<sup>89</sup> Id. (grifos meus).

<sup>90</sup> Id., p. 63. Esses momentos seriam: a I e II Guerras Mundiais e o Plano Marshall.

<sup>91</sup> Id.

<sup>92</sup> “O vírus anti-EUA”, op. cit., p. 62.

<sup>93</sup> Id., p. 63 (grifos meus).

<sup>94</sup> Id. O luto americano deveria ser respeitado. Mas quando se referia a vítimas afegãs, eram tratadas como um dado a mais a ser contabilizado: “a morte de civis não é apenas um dano colateral de péssima repercussão, mas pode ser o início de uma incansável rixa com a família do morto”. O míssil e o barbudo. *Veja*. 17/10/2001, p. 55.

<sup>95</sup> “A tragédia reordena o mundo”. *Veja*. 10/10/2001, p. 92 (grifos meus)..

<sup>96</sup> “Quando a guerra é justa”. *Veja*. 3/10/2001. p. 64.

<sup>97</sup> Id. (grifos meus). O número oficial de mortos nos atentados ficou em torno de 3.000.

<sup>98</sup> “Nasce uma nova geração”. *Veja*. 10/10/2001, p. 77.

<sup>99</sup> Id.

<sup>100</sup> Id., p. 77.

<sup>101</sup> Id., p. 78.

<sup>102</sup> Id..

<sup>103</sup> Ver: SCOWEN, op. cit., capítulo 1.

<sup>104</sup> “Intelectuais em guerra”. *Veja*. 10/10/2001, p. 84 (grifos meus).

<sup>105</sup> Id.

<sup>106</sup> Id. (grifos meus).

<sup>107</sup> Id. (grifos meus).

<sup>108</sup> SCOWEN, op. cit., p. 19. O autor comenta com maiores detalhes a perseguição a Sontag.

<sup>109</sup> “Intelectuais em guerra”, op. cit., p. 84.

<sup>110</sup> Id. (grifos meus).

<sup>111</sup> Id., p. 85.

<sup>112</sup> Deu a louca no império. *Veja*. 26/8/1998. A reportagem, de dez páginas e capa, dedica um quadro – 55 linhas – ao atentado, aqui chamado de “ataque”. O restante foi dedicado ao caso Levinsky-Clinnton. A reportagem foi publicada na seção “Sexo”.

<sup>113</sup> “Desmanche moral”. *Veja*. 2/9/1998, p. 48.

<sup>114</sup> As investigações e auditorias internacionais mostraram que não houve qualquer indício de produção de armas no local. Cf. SCOWEN e CHOMSKY, que apontam as fontes comprobatórias.

<sup>115</sup> Em busca do autor. *Veja*. 19/9/1998, p. 53. Mesmo assim, há uma fotografia de Bin Laden com a legenda: o milionário por trás da rede do terror. p. 52.

<sup>116</sup> “Intelectuais em guerra”, op. cit., p. 58.

<sup>117</sup> “Onde estão os ferozes guerreiros do Afeganistão?”. *Veja*. 5/12/2001, p. 49 e 50.

<sup>118</sup> “Procura-se o DNA dos Laden”. *Veja*. 5/12/1998, p. 53.

<sup>119</sup> Id.